

"A pegada": Interações (e tensões) raciais, sexuais e de gênero nas baladas de São Paulo.

Katucha Rodrigues Bento.

Cita:

Katucha Rodrigues Bento (2008). *"A pegada": Interações (e tensões) raciais, sexuais e de gênero nas baladas de São Paulo. IX Congreso Argentino de Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-080/499>



PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE TRABALHO: 31. FAMÍLIA Y PARENTESCO
COORDENADO POR: EVANGELINA MARIA MAZUR

**“A PEGADA”: INTERAÇÕES (e tensões) RACIAIS, SEXUAIS E DE GÊNERO NAS
BALADAS DE SÃO PAULO**

Katucha Rodrigues Bento
katy.rb@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa propõe apresentar uma análise antropológica sobre as relações estabelecidas nos ambientes de festas (“baladas”) da cidade de São Paulo, a partir de uma intersecção entre sexualidade, gênero e raça. Através de uma análise comparativa realizada entre “baladas” heterossexuais com a maioria de frequentadores negros e “baladas” com a maioria de frequentadores brancos, a pesquisa consiste em desvendar fatores que, para os diferentes públicos, são fundamentais para definir um bom companheiro(a) e uma boa “pegada” – expressão que faz referência à sensualidade e ao toque diferenciado (reconhecido como um toque forte e “quente”) do(a) companheiro(a) – que muitas vezes vem ligada às categorias de cor e raça. Tal problematização traz à tona uma discussão acerca das relações afetivo-sexuais heterocrômicas e homocrômicas, de gênero, classe e erotismo que permeiam interações pessoais e promovem as interfaces formadoras de identidades grupais e individuais.

Dados da pesquisa evidenciaram a racialização na hora de eleger pessoas para relacionamentos entre amigos(as); parceiros(as) – hoje chamados de “ficantes”; namorados(as) e, principalmente para casar e se reproduzir. As entrevistas aplicadas proporcionaram declarações espontâneas dos interlocutores, levantando questões sobre padrões de beleza, hipersexualização do negro, miscigenação entre outras categorias supostamente relevantes para a escolha de um parceiro. Desta forma, podemos contextualizar estas referências à idéia do que seria o tipo ideal para o estabelecimento de relacionamentos e, futuramente, formação familiar – mencionada por diversas vezes durante a entrevista, indicando dificuldades de se casar e se reproduzir com pessoas de outra cor.

Palavras-chave: Sexualidade, relações raciais, gênero, festas, São Paulo.

INTRODUÇÃO

Algumas questões levantadas neste artigo são inspiradas pela reflexão desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação¹, cujo propósito foi analisar conflitos raciais em festas de samba na cidade de São Paulo através de uma análise comparativa entre “baladas” com a maioria de freqüentadores brancos e outra com a maioria de freqüentadores negros. Por meio de um direcionamento empírico e etnográfico com observação participante, a pesquisa procurou explicitar algumas características das relações raciais nas *baladas* que desvendam um conflito racial no contexto estudado. Este fenômeno foi analisado de maneira comparativa – como estes comportamentos acontecem entre grupos de brancos e de negros – e empírica, possibilitando uma reavaliação do que é proposto a respeito da “democracia racial” e o que de fato podemos constatar nas relações entre os diferentes grupos de brancos e negros – o objeto do estudo. Aliada a produção bibliográfica sobre raça, sexualidade e gênero, a pesquisa buscou entender as dinâmicas sociais que se pautam sobre a égide dos temas que serão abordados.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram estabelecidos alguns critérios que permitissem a análise comparativa entre as “baladas”: 1- valor do ingresso; 2- o valor médio da cerveja (dado comparativo muito importante, já que se trata da bebida mais consumida nessas *baladas*); 3- e grupos de brancos ou negros, definidos por meio da auto-classificação dos freqüentadores em conversas informais e questionários, fonte dos dados a serem apresentados no presente artigo, com nomes fictícios visando manter o anonimato dos “interlocutores”.

Naquela ocasião, o trabalho de campo permitiu o desenvolvimento de uma análise (ainda que preliminar e circunscrita) sobre como a cor da pele adquire importância e reconhecimento dos indivíduos em determinadas situações, orientando as interações sociais e mediando as relações de poder nas “baladas”.

A “balada”, expressão criada para designar festas em São Paulo, traz um aspecto bastante peculiar, pois se trata de um cenário informal e extra-cotidiano de uma pesquisa que trava uma discussão aprofundada sobre embates sociais como homofobia, discriminação por

¹ A pesquisa etnográfica do Trabalho de Conclusão de Curso teve seu título inspirado nas declarações dos interlocutores, que negavam a existência de um conflito racial no Brasil (mas que ainda assim, negavam a possibilidade de estabelecer um relacionamento afetivo com pessoas de cor diferente): “*Balada* de branco e *balada* de preto: Democracia Racial nas festas de samba em São Paulo?”. O referido trabalho de TCC foi realizado durante o ano de 2006, sob orientação da Professora Mse. Caroline Cotta de Mello Freitas-Hupsel e concluído em março de 2007, com a arguição da Professora Doutora Luena Nunes Nascimento Pereira.

classe e racismo. Estereótipos que no ambiente de festa são reproduzidos de modo a demarcar e reiterar um “lugar” erótico, diferenciado pela cor da pele, pela orientação sexual, pelo gênero e pela classe social, permitindo uma classificação (e um espaço de disputa) baseada no desejo, que define quem tem a “pegada” e quem não tem - abrindo espaço para a análise sobre o “campo de possibilidades” ao qual os indivíduos podem recorrer para compensar uma ou algumas desvantagens sociais.

Fatores como cor, sexualidade, gênero e classe compõem o sistema de diferenciação social. Erotismo, mestiçagem (misturas) e fetiches contribuem consideravelmente para estabelecer preferências do que seria um “par” adequado. Considerando que o ambiente da “balada” seja reconhecido como um local propício para a procura de pessoas para relacionamentos afetivo-sexuais, denominados pelos frequentadores como “ficar”, estas classificações adquirem um teor diferenciado de relevância e prioridade.

Desta forma, a questão proposta no artigo requer uma articulação com aspectos do processo em que se estabeleceram hierarquias, desigualdades e conflitos sociais na sociedade brasileira entre as práticas de poder que se constituem no cotidiano da vida social. Em outras palavras, são muitos os estudos que apontam para as formas veladas com que o preconceito é vivido e expresso na sociedade brasileira, ou seja, estes não aparecem explicitamente, dificultando (e ocultando) as maneiras pelas quais se articulam e se lidam com marcadores e embates sociais. A análise deste processo torna possível problematizar o lugar e o papel que a festa adquiriu na mediação de muitos conflitos na sociedade brasileira – tanto em um nível etnográfico quanto teórico.

A pesquisa foi realizada utilizando questionários fechados e perguntas abertas, buscando aspectos tanto qualitativos quanto quantitativos para o melhor embasamento da análise. Na questão sobre raça foi considerada a auto-classificação – uma informação importante, pois permitiu a análise sobre união afetivo-sexual (ficar/ namorar/ casar) e miscigenação.

O presente texto objetiva, portanto, entender as diferentes dimensões do tecido social que sociabiliza e/ ou afasta grupos; nega e/ ou reproduz antagonismos (de classe, raça, gênero, etc.) e informa a construção de si.

MISCIGENAÇÃO E BRASILIDADE

A discussão e o enfoque antropológico no debate à respeito das relações raciais foi um importante elemento que inspirou e se inseriu na discussão bibliográfica de alguns autores clássicos e contemporâneos, apontando a importante contribuição que este tema traz

ao pensarmos a sociedade brasileira. Giralda Seyferth (2002) afirma que existe um “mito fundacional da brasilidade” em que a miscigenação vem acompanhada de posturas cordiais, afetuosas entre outras características que supõem ausência de conflitos.

O ideário da “famigerada” democracia racial que, como já apontado por Peter Fry (2005), pode coexistir com o racismo brutal nas práticas sociais de acordo com determinadas situações fomenta a análise realizada sobre a relação entre cor/raça nas “baladas” de samba em São Paulo, uma vez que percebemos diferentes formas de comportamentos e tipos de julgamento que cada indivíduo realiza a respeito do “outro” ao seu redor.

O grande desafio encontrado no desenvolvimento desta pesquisa foi abordar temas que se opõem em seu princípio: *balada* e racismo, pois visa debater sobre manifestações de preconceito e a inexistência de uma convivência harmoniosa nas relações raciais para além do que usualmente está em pauta. Neste caso foi pesquisado o preconceito dentro de um contexto um tanto quanto inusitado: a festa – supostamente um momento de festejo harmônico onde são suspensas determinadas hierarquias sociais e culturais para amenizar os embates sociais. É neste contexto festivo que a pesquisa trata algumas percepções a respeito do preconceito, erotismo e miscigenação, buscando entender os parâmetros que estabelecem as escolhas no mercado de desejos e afetos.

À luz de Robert Young (2005), trata-se da reprodução constante de um desejo que ao mesmo tempo em que é produzido pela sociedade, também a produz. Young conceitua o ‘desejo’ como algo primeiramente social, e não individual como se houvesse uma inconsciência libidinal inclusive nos momentos em que se sugere segregação racial, pois o pano de fundo é uma obsessão velada pelo sexo inter-racial, a miscigenação e o hibridismo. Este desejo está fortemente delineado através da “pegada”, afinal, “a cor negra aparece marcada pelo erotismo e paira sob o universo erótico dos encontros amorosos” (Moutinho, 2006:112).

A “BALADA” E OS LUGARES DA FESTA, DA MÚSICA E DA RAÇA

Com a investigação do que significa a noção de “pegada” para os frequentadores das “baladas” de São Paulo, o interesse desta produção é produzir um entendimento que consiga ultrapassar fronteiras que separaram raça, sexualidade, gênero e classe em campos de conhecimento distintos (Moutinho, 2004).

Tal esforço foi aplicado à pesquisa de campo, que tratou questões de discriminação e preconceito seguindo um espectro que vai além dos cenários cotidianos que

permeiam ambientes descontraídos como as “baladas”. Segundo Rita Amaral (2001), as diferentes expressões festivas apresentam uma mediação privilegiada entre diferentes dimensões, unindo variadas esferas da vida e podem constituir um modelo que, ao mesmo tempo em que nega, também reproduz a forma de organização social vigente e exerce simultaneamente um papel de sociabilização e afastamento (ou segregação) dos grupos diferentes.

Fica mais evidente e fácil de entender o tipo de sociabilização quando questiono os freqüentadores a respeito do que pensam do ambiente e o motivo que gostam daquela “balada”. Uma das declarações ilustrativas é de uma jovem de 23 anos de idade, que se auto-declara negra, diz que gosta da balada porque “aqui toca um samba de qualidade, é samba de raiz, tipo... tem tudo a ver com a cultura negra ... Eu também tenho orgulho de ver pessoas negras, bonitas, dançando e se divertindo...”. Esta afirmação ao mesmo tempo em que afirma a construção de uma identidade (sobre si e sobre o coletivo) e interação de um grupo, coloca em oposição as categorias (aqui supostamente negativas, ou menos positivas) que não fazem parte do que foi selecionado para relatar o que é “bom”: samba – de qualidade e relacionado à cultura negra; pessoas negras – bonitas que dançam e se divertem.

A partir desta mesma analogia, a declaração de uma jovem de 20 anos, branca, diz que gosta do ambiente porque “... eu gosto que tem muito menino branquinho bonitinho... eu gosto de branquinho, sabe!?”. As falas apresentadas mostram a reafirmação de uma organização social apontada por Rita Amaral (2001) que se reitera nas festas (“baladas”), onde mecanismos de poder pautam interações afetivo-sexuais, raciais, de gênero e assim por diante.

Neste sentido, o termo “raça” é compreendido como um fenômeno social e politicamente construído, parte de uma “constelação de processos e práticas” (Ware, 2004) para que seja possível uma análise que contemple as diversas formas de expressão, declaração, marcação e construção do que pode vir a ser uma identidade racial (e/ou sexual, e/ou de gênero). De acordo com Sérgio Costa (2006), a idéia de uma identidade não poderá ser tratada em eixos raciais opostos e polarizados, com fronteiras rígidas entre grupos diferentes, mas sim percebidos em planos de integração culturais e sociais diversos.

Mesmo com o esforço de não criar pólos binários, a pesquisa de campo mostrou que as interações se apresentam bastante sólidas quando entramos no debate racial e de gênero. Os próprios interlocutores das “baladas” onde a maioria de freqüentadores eram negros diziam que estavam em uma “balada de preto” que toca samba, pois “balada de branco” toca pagode, um termo pejorativo para diferenciar do samba, de maneira que deprecia

este tipo de música, deixando em evidência que não se trata de um estilo musical de qualidade (por isso que é de branco).

Este exemplo mostra um sentido peculiar de traçar identidades e interações dentro destes espaços que se encaixam em um sistema de diferenciação que está presente, a todo o momento, no contexto social: erotismo, mestiçagem (misturas), fetiches.

LIBIDO, “PEGADA” E MISCIGENAÇÃO

O estudo circunscreve-se no debate atual sobre as intersecções temáticas estabelecidas e, simultaneamente, propõe retomar características que se acreditam fazer parte de uma identidade brasileira, na medida em que a idéia do que é uma boa “pegada” – objeto do estudo – dialoga com o pressuposto reproduzido tanto pelo senso comum, quanto nas teorias científicas acerca do vigor sexual de raças não-brancas (Young, 2005) compositoras do povo do Brasil (Prado, 1997; Freyre, 2005, 2001; entre outros.).

As questões sobre aproximações que variam entre ficar, namorar, casar – e se reproduzir – fazem parte do campo de análise considerando os fatores que levam às escolhas dos parceiros. José (26 anos, negro) diz que “mulheres brancas não são bonitas. Eu já até fiquei com uma [branca]... mas eu não ficaria de novo”. Quando questionado se namoraria, casaria ou teria filhos com uma mulher de outra cor/raça a resposta é negativa, dizendo “mulher branca não me dá tesão, a mulher negra tem uma essência a mais... mulher negra é melhor”.

A marca erótica da mulher negra e do homem negro é apresentada constantemente em entrevistas com homens e mulheres que se auto-declararam brancos e negros. Interessante analisar que apesar desta “característica libidinosa” ser expressiva nas aproximações sexuais, a miscigenação não foi bem vista para nenhum dos grupos entrevistados. Nenhuma pessoa se afirmou racista, mas facilmente acusaram alguma outra pessoa com essa característica para justificar o motivo pelo qual ela se negava a casar com uma pessoa negra. O mais interessante é que mesmo que “não sejam racistas”, muitos brancos e negros também não se interessam em se “misturar” com pessoas de outra cor.

Joana se declara negra (25 anos de idade, advogada) diz que nunca ficou com uma pessoa branca: “e também não pretendo ficar com um branco... só se for um ‘branco de alma negra’... ou se eu mudar de idéia daqui uns 10 ou 20 anos...”. Quando questiono se casaria ou teria filhos com um homem branco ela fala de maneira enfática que “não! Não porque eu quero um filhinho pretinho igual a mãe e igual a minha mãe! Não queria perder a seqüência dos meus avós. Quero seguir a tradição”. Ela diz que tem diversos amigos brancos

e que se dá muito bem com todos eles.

Neste sentido, podemos ver as limitações estabelecidas nas relações interpessoais mostrando alguns dos interesses que permeiam estas escolhas e levando em conta que dentro da "economia dos prazeres e dos afetos que movimenta o mercado erótico e conjugal, as diferenças 'raciais' são [...] um aspecto de grande relevância" (Moutinho, 2006:49).

A partir deste ponto, a noção de “pegada” aponta quem é a referência de uma “boa pegada” e quem é a referência de um bom par conjugal segundo os interlocutores entrevistados. Perguntei para Marina (26 anos de idade, professora de Educação Física) a respeito dos garotos com quem ela ficava. Ela logo me contou de algumas aventuras amorosas pessoais e que costumeiramente acontecem com as garotas que frequentam aquela *balada* – que são suas conhecidas. Os garotos com quem se relaciona são brancos, entretanto, ela me confessou ter uma forte atração por um jogador de futebol negro, com quem cruza frequentemente nos circuitos de “baladas” de pagode em São Paulo e na Baixada Santista. Segundo ela, esta atração se dá pelas características físicas do rapaz, o descrevendo com detalhes vinculados à “hiperssexualização” do negro alegando ser ele, um “sonho de consumo”. Quando me referi aos propósitos que a levariam ter este “sonho de consumo”, ela respondeu: “é só uma vontade... preciso matar essa vontade! Imagina ele pelado?”. Então procuro aprofundar a questão perguntando se pensaria em casar com este “tipo” de homem e a resposta é decisiva: “não! Eu não pretendo levar nada adiante...mesmo se eu tivesse a chance nem casaria...”, e logo se pôs a imaginar sendo vista com um negro como marido: “não que eu seja preconceituosa... mas imagine os meus filhos!!!”. Esta fala emblemática se alia ao pensamento de Simone (23 anos), quando questionada a respeito de sua cor/raça diz: “sou lôra, mas me sinto 100% negra”. Pergunto a respeito de seus ficantes e com muito entusiasmo ela diz “tenho vários ficantes negros... Meus negão é tudo de pinto grande. Minha amiga já ficou com um de pinto pequeno, não sei como ela consegue!!! Todos os meus são bons na pegada!!!”. Esta mesma jovem diz que não namoraria ou casaria com um homem negro, pois traria complicações familiares: “aahh.. não dá pra levar um negão pra casa... minha família é preconceituosa com quem é preto, com quem tem tatuagem, com quem é pobre! É assim, sabe?!”.

Tais informações possibilitam uma reflexão sobre como se dão as aproximações e afastamentos entre as pessoas a partir de um corte racial, de classe e de gênero, e como isso se combina com a percepção dos próprios frequentadores a respeito do espaço de festa de samba, sugerindo a prevalência da dita "democracia ou harmonia racial". É importante

ressaltar que este termo é utilizado justamente por ter sido sugerido em muitas entrevistas com os interlocutores de várias formas, de maneira que determinadas alegações e atitudes preconceituosas ou racistas permaneçam em seu formato velado, como se apresenta na fala em que a garota coloca a culpabilidade da discriminação na família (em terceiros), se isentando da decisão de segregar e diferenciar o “outro”, afinal, ela já definiu de maneira positiva o negro em suas relações: ele tem a “boa pegada”!

Enquanto a cor negra paira de maneira libidinosa, podemos ver na fala acima que a dificuldade em casar com um homem negro, também apresenta a possibilidade de união matrimonial com um homem branco, preferencialmente sem tatuagem e rico. É com este teor que normalmente as falas de mulheres que se declararam brancas aparece: mesmo que algumas já tenham experiências afetivo-sexuais com homens negros, dificilmente a relação se estabeleceria no mercado conjugal por impedimento dos familiares (principalmente o pai), sugerindo uma relação submissa feminina frente a soberania paternalista do homem branco.

Frente a esta análise, não pude excluir a declaração a seguir, pois nos remete justamente ao lugar erótico, discriminação e miscigenação direcionados à raça negra. Rosana (24 anos, professora de Educação Física) mostra dificuldade em definir sua cor/raça quando questionada: “não me considero oriental, não! Pelas características físicas eu me considero oriental, mas o meu jeito de ser, assim... eu sou brasileira!”. Quando pergunto à Rosana o que acha da beleza de homens negros ela diz que “alguns são bonitos, mas outros quando dá pra ser feios... são muito feios!!!”, então procuro continuar a entrevista perguntando sobre suas experiências com homens negros e ela relata o dilema que aconteceu quando se relacionou com uma pessoa negra “ahhhh... namorar uma pessoa negra teria problema! Já teve! Quando eu namorei um negão, meu pai não aceitou. Ele acha que é cada macaco no seu galho, já minha mãe adorava ele, achava que no Brasil tem mesmo que se misturar!”

Podemos contextualizar as referências do tipo ideal de parceiros para o estabelecimento de relacionamentos e, futuramente, formação familiar – mencionada por diversas vezes durante a entrevista, indicando supostas dificuldades de se casar e se reproduzir com pessoas de outra cor.

Esta fala é muito emblemática, pois nos traz muitas possibilidades de interpretação e reflexão a respeito de relações raciais hoje no Brasil. São colocados logo em evidência, diversas características mescladas, contraditórias e problemáticas.

Primeiro: é uma mulher oriental que não se considera como tal, se considera brasileira. Será que abrir mão de sua declaração racial para a sua declaração de nacionalidade realmente livraria as construções de identidades diferenciadas, anulando preconceitos e

discriminações?;

Segundo: ela logo mostra que não, já que aponta o negro como o problema da relação com o pai, que não gostava do namorado negro, alegando que “cada um tem o seu lugar” e que neste caso, o lugar de cada um se pauta pela questão racial e, portanto, não fazia parte do núcleo social que ele [o pai] e sua família participavam (ou deveriam participar);

Terceiro: já a mãe adorava a idéia da filha namorar uma pessoa negra, já que se está no Brasil, tem mais é que miscigenar, apontando novamente para a noção de raça, mas desta vez como um fator positivo da mistura e “construção nacional” (brasilidade), sugerindo uma sinonímia de Brasil e miscigenação como componente fundador de uma sociedade híbrida.

Versões opostas que dizem muito respeito às relações sociais no Brasil: a noção de “Chô Chuá, cada macaco no seu galho”² (do pai) *versus* a noção de “se está na chuva é para se molhar” (da mãe): são visões “casadas”, que operam de mãos dadas a todo o momento na sociedade brasileira: a idéia de ter diversos amigos de cor/raça oposta, mas não querer casar com nenhuma pessoa com esta classificação; ou ainda de ter diversos parceiros/as sexuais da cor oposta, mas não ter a intenção de levá-los para a família conhecer, ou seja, namorar, ou casar (se reproduzir intencionalmente).

Na pesquisa houveram constantes afirmações negativas de relacionamentos com pessoas da cor/raça oposta alegando que “não faz o meu tipo”. A própria classificação de “cor/raça oposta” partiu dos “interlocutores”, quando diziam que não ficariam com pessoas de “cor diferente” das deles. Esta categoria foi utilizada por tratarem-se de definições trazidas do campo, e não o contrário.

A minha entrada no campo procurou se libertar da construção raça, sexualidade, gênero para que possa dar conta das diferentes performances e expressões que os entrevistados poderiam manipular. A análise de Preciado (2007) apresenta uma possibilidade de valorizar todas as identidades sem que seja necessário dissolvê-las. A importância desta (des)construção é permitir ouvir e dar voz às diferentes categorias de identificação e ao conjunto de práticas existentes (Butler, 1990)³.

2

Música de autoria do compositor brasileiro Riachão: “Cada macaco no seu galho”, ilustra o entendimento que as pessoas tem ao segregar, como se cada um tivesse o seu lugar; de onde não pode avançar as delimitações de “espaço” (sejam eles de formas geográficas ou sociais):

“*Cho chuá/ Cada macaco no seu galho/ cho chuá/ Eu não me canso de falar/ Cho chuá/ O meu galho é na Bahia/ Cho chuá/ O seu é em outro lugar/ Não se aborreça, moço da cabeça grande/ Você vem não sei de onde/ Fica aqui, não vai pra lá/ Esse negócio da mãe preta ser leiteira/ Já encheu sua mamadeira/ Vá mamar noutra lugar*”.

³ Butler discorre a respeito da desconstrução da díade sexo/gênero, utilizada como ferramenta para entender (e desconstruir) as noções de raça, gênero, sexualidade como construções sociais, sem utilizá-las como categorias duras e pré-estabelecidas.

Foram as declarações de muitos frequentadores nos mostram a importância da diferenciação de cor de pele para definir parceiros sexuais, namorados/as, maridos/esposas, pais/mães de seus filhos, etc.: tudo o que faz parte da importância dada para a vida em sociedade e para a “continuidade biológica” da mesma também. Foi possível constatar não apenas as diferenciações pejorativas por conta da questão cromática, mas como as relações de poder estão presentes de forma crucial para legitimar um indivíduo ou um grupo em relação ao outro. Como se as diferenças formatassem a rede de relações, relacionando às vezes de forma pacífica, outras vezes de forma agressiva (no sentido de como atos de preconceito, discriminação e racismo podem ser violentos sem que necessariamente precisem ter contato físico) os indivíduos entre si.

Este breve artigo procurou trazer questionamentos e problematizações do campo de estudos e não pretende fazer encaminhamentos ou tomar conclusões definitivas, mas sim trazer a discussão de como a hipersexualização chamou muita atenção na pesquisa, pois foi citada por ambos os grupos pesquisados.

Faz-se necessário o resgate de algumas percepções de campo, onde foi possível notar que ações preconceituosas legitimam o poder de um indivíduo sobre outro (um frequentador da *balada* em relação a outro de cor de pele diferente) em momentos em que este se encontra reconhecido pela maioria dos indivíduos da *balada* – validada pela cor da pele. . Esta forma de agir se mostra também na forma de interagir nas quais os grupos chegam a se agredir de maneira preconceituosa, gerando uma relação recíproca de embates e conflitos. Trata-se de mais uma maneira de admitir as relações de poder dentro das redes de relações sociais.

A pesquisa foi desenvolvida pensando em entrevistar grupos raciais diferentes, com grupos heterossexuais, entretanto, pude perceber que a(s) orientação(ões) sexual(ais) seria(m) extremamente relevante(s) para fazer um levantamento sobre da percepção dos diferentes grupos a respeito de suas escolhas de parceiros. Como a “pegada” é classificada e qual a relevância da cor da pele dentro destas diferentes categorias. Neste sentido, a pesquisa caminha em direção à uma análise comparativa entre as relações hetero e homoeróticas. Dentro do campo do desejo, considero também a relevância do quesito “classe” como um dos filtros presentes no mercado dos relacionamentos, visando uma abordagem que intercala raça, sexualidade e classe de maneira homogênea em busca da descoberta de uma “boa pegada”, que permitirá discutir identidade nacional, relações afetivo-sexuais, mercado dos desejos e miscigenação. Tudo isso a partir do que é (ou acredita ser) uma boa pegada...

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"**. Acesso 27/06/2006, em:
<<http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>
- _____. O tempo de festa é sempre. **Travessia — Revista do Migrante**, CEM (Centro de Estudos Migratórios), ano VI:15, jan/abril, 1993.
- APPIAH, Kwame Antony. **Na Casa de meu Pai**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BASTIDE, R. e FERNANDES, F. **Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1995.
- BERQUÓ, Elza. Demografia da desigualdade. **Novos Estudos Cebrap**, nº 21, pp. 74-85, 1988.
- ____ & Cavenaghi, Suzana. Direitos reprodutivos de mulheres e homens face à nova legislação brasileira sobre esterilização voluntária. **Cad. Saúde Pública**, nº 19, artigo S441, 2003.
- BOZON, Michel. Sexuality and conjugality: the redefinition of gender relations in contemporary France. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 20, pp. 131-156, 2003. Acesso 17/04/2007, em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100005&lng=en&nrm=iso>.
- _____. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BOCAYUVA, Helena. **Erotismo à brasileira**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- Butler, Judith P. **Gender trouble : feminism and the subversion of identity**. New York : Routledge, 1990.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito Racial em Portugal e Brasil Colônia: os cristãos-novos e o mito da pureza de sangue**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CORRÊA, Mariza, Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**. Campinas, nº16, p. 13-30, 2001.
- FANON, Frantz. **Piel Negra, Mascaras Blancas**. Buenos Aires: Abraxas, 1973.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- _____. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- _____. Sujeito e poder. In: RABINOW, Paul & DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- _____. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2003.
- _____. **Casa-Grande & Senzala**. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/ Edusp, 2000.
- FRY, Peter. **A persistência da raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Depois da Democracia Racial: as desigualdades em novo regime de estado. **Revista de Sociologia da USP**, v. 18, pp. 269-287, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- HEILBORN, Maria Luiza. In the fabric of Brazilian sexuality. **Rev. Estud. Fem.** 2006, vol. 14, no. 1, pp. 43-59.
- MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, *in*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17: 49, junho/2002.
- _____. **Festa no pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MCCLINTOCK, Anne. Imperial leather: race, cross-dressing and the cult of domesticity. **Cad. Pagu.**, Campinas, n. 20, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17/04/2007.
- MOUTINHO, Laura . Razão, Afetividade e Desejo em Relacionamentos Afetivo-sexuais entre brancos e negros - uma Análise Comparativa entre Rio de Janeiro (Brasil) e Cidade do Cabo (África do Sul): **Primeiras Reflexões**. Novos Contornos do Espaço Social Gênero Geração e Etnia, UERJ/NAPE, 1999.
- _____. Discursos normativos e desejos eróticos: a arena das paixões e dos conflitos entre brancos e negros. **Boletim Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 01-07, 2004.
- _____. **Razão, Cor e Desejo: Uma Análise Comparativa sobre Relacionamentos Afetivo-Sexuais inter-raciais no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____, MONTEIRO, Simone, PINHO, Osmundo *et al.* Raça, sexualidade e saúde. **Rev. Estud. Fem.** 2006, vol. 14, no. 1, pp. 11-14.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito Racial de marca e preconceito racial de origem. *In: ANAIS do XXXI Congresso Internacional dos Americanistas*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PRECIADO, Beatriz. Le Queer Savoir, in “Queer zones – politiques des identités sexuelles, des représentations et des savoirs”. **Branco no lilás** (site), acessado 16/11/2007 <http://branconolilas.no.sapo.pt/bourcier_preciado.htm>
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo, Brasiliense: 1992.
- SANSONE, L. **Racismo sem etnicidade**. Políticas públicas e discriminação racial em perspectiva comparada. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 751-784, 1998. Disponível no site: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09/10/2006.
- SILVA, Denise Ferreira da. **À brasileira: raciality and the writing of a destructive desire**. *Rev. Estud. Fem.* 2006, vol. 14, no. 1, pp. 61-83. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07/05/2007.
- SCHWARCZ, M. L. - **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- _____. Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil, in Gláucia Villas Boas e Marco Antonio Gonçalves (orgs) **O Brasil na Virada do Século**. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1995.
- STOLKE, Verena. A new world engendered: intersections: the making of the iberian transatlantic empires- XVI to XIX centuries. *Rev. Estud. Fem.* 2006, vol. 14, no. 1, pp. 15-42. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07/05/2007.
- WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- _____. Moments of danger: race, gender, and memories of empire. **History and Theory**. Vol. 31, nº 4, pp. 116-137. Blackwell Publishing for Wesleyan University, 2002.
- YOUNG, Robert J. C. **Desejo Colonial**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

